



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Maria Inês dos Santos Mota Vieira

“Criminalidade violenta feminina: estudo qualitativo com ofensoras sexuais e homicidas”

Trabalho realizado sob orientação da
Prof.^a Dr.^a Ana Rita Conde

Junho 2021



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Maria Inês dos Santos Mota Vieira

“Criminalidade violenta feminina: estudo qualitativo com ofensoras sexuais e homicidas”

Dissertação de Mestrado
Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Dissertação defendida em teleconferência pública no dia 14/06/21, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof^a. Doutora Célia Isabel Lima Ferreira (Prof^a. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto), por delegação da Diretora do Ciclo de Estudos;

Arguente: Prof^a. Doutora Carla Margarida Vieira Antunes (Prof^a. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto);

Orientadora: Prof^a. Doutora Ana Rita Conde Dias (Prof^a. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto).

junho 2021

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

À minha família, em particular aos meus pais e irmã, à minha avó e ao meu falecido avô, aos meus tios e à minha prima por me terem acompanhado sempre em todos os momentos importantes da minha vida e por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu própria duvidei. Obrigada por toda a paciência e pelo carinho, em especial nestes 5 anos.

Às minhas amigas e colegas de curso, Tânia, Cristina e Gemima, o meu especial obrigado por terem estado sempre presentes, por toda a paciência e por todos os momentos passados tanto a nível escolar, como a nível pessoal.

À Bruna, a minha amiga de infância que sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida, quer sejam bons ou maus, e pela força e motivação dada principalmente no término deste meu percurso.

Aos meus amigos Inês e Rubén, por toda a paciência e compreensão dispensados ao longo de todos estes anos, o meu muito obrigada!

À minha orientadora, a Professora Doutora Rita Conde, por toda a simpatia, paciência e conhecimento que me transmitiu e por toda a disponibilidade e compreensão que teve comigo. Obrigada!

A todas as outras pessoas, conhecidas ou desconhecidas, que, de uma forma ou de outra, fizeram de mim a pessoa que sou hoje.

A todos, o meu enorme obrigado!

Criminalidade violenta feminina: estudo qualitativo com ofensoras sexuais e homicidas

Resumo

A criminalidade feminina violenta é um fenómeno que tem tido maior visibilidade nos últimos anos, havendo um maior número de estudos sobre o fenómeno, no entanto não há estudos que procurem analisar comparativamente mulheres que cometeram homicídios e mulheres que cometeram crimes sexuais. O presente estudo tem como objetivo explorar e comparar as trajetórias de vida das mulheres que cometeram crimes violentos e que estão a cumprir pena efetiva de prisão, nomeadamente mulheres homicidas e ofensoras sexuais, no sentido de identificar o que as une e o que as diferencia. A amostra foi constituída por nove participantes sem historial de consumo ativo de substâncias psicoativas nem psicopatologia, no presente. Para tal recorreu-se à aplicação de um questionário sociodemográfico e criminal, do Inventário de Sintomas Psicopatológicos e da Entrevista de História de Vida de McAdams, sendo administrados individualmente. Utilizou-se como metodologia a análise narrativa, recorrendo ao software Nvivo 10. Os resultados indicam diferenças, mas também semelhanças entre as participantes, sendo que a maioria centra a sua narrativa à volta de cinco temas principais, sendo a família, o mais referenciado. Quanto ao crime, este é apenas referenciado pelas homicidas, enquanto as ofensoras sexuais evitam o assunto e tendem a responsabilizar terceiros. Verifica-se que veiculam uma imagem prosocial, procurando manter uma identidade positiva, apesar das adversidades e apresentam-se como sendo resilientes e esperançosas relativamente ao seu futuro. As duas narrativas presentes são narrativas de vitimação/sofrimento e adversidade/resiliência. As homicidas apresentam uma narrativa de adversidade e resiliência e apresentam um maior sofrimento psicológico, enquanto as agressoras sexuais apresentam uma narrativa de adversidade menos violenta e são menos resilientes.

Palavras-Chave: Criminalidade feminina; homicídio; crimes sexuais; análise narrativa.

Violent female crime: qualitative study with sexual offenders and homicides

Abstract

Violent female crime is a phenomenon that has been more visible in recent years, with a greater number of studies on the phenomenon, however there are no studies that seek to comparatively analyze women who have committed homicides and women who have committed sexual crimes. The present study aims to explore and compare the life trajectories of women who have committed violent crimes and who are serving an effective prison sentence, namely homicidal women, and sex offenders, to identify what unites them and what differentiates them. The sample consisted of nine participants with no history of active consumption of psychoactive substances or psychopathology, at present. For this, a socio-demographic and criminal questionnaire, the Inventory of Psychopathological Symptoms, and the McAdams Life Story Interview were used, being administered individually. Narrative analysis was used as methodology, using the Nvivo 10 software. The results indicate differences, but also similarities between the participants, with the majority centering their narrative around five main themes, the family being the most referenced. As for the crime, it is only referenced by homicides, while sexual offenders avoid the subject and tend to hold third parties responsible. It appears that they convey a prosocial image, seeking to maintain a positive identity, despite the adversities and present themselves as being resilient and hopeful about their future. The two narratives present are narratives of victimization / suffering and adversity / resilience. Homicides present a narrative of adversity and resilience and show greater psychological distress, while sexual aggressors present a narrative of less violent adversity and are less resilient.

Keywords: Female crime; murder; sexual crimes; narrative analysis.

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
1. Criminalidade feminina violenta – definição, caracterização, conceptualização ...	2
2. Tipologia ou caracterização das mulheres que cometem crimes violentos.....	7
2.1. As mulheres ofensoras sexuais.....	9
2.2. As mulheres homicidas.....	13
3. A pertinência de uma abordagem narrativa na compreensão da criminalidade feminina.....	17
Objetivos.....	18
Método	18
Participantes, amostragem e procedimento de recolha de dados	18
Instrumentos	20
Estratégia de análise utilizada e procedimentos	20
Resultados	21
Discussão e Conclusão	33
Referências Bibliográficas	36

Introdução

O presente projeto de dissertação terá como objeto principal a criminalidade feminina, nomeadamente os crimes sexuais e os homicídios, numa tentativa de melhor compreender o fenómeno, recorrendo por isso a uma recolha de informação relacionada com o tema em questão.

A escolha deste tema teve como base uma revisão de literatura acerca da criminalidade feminina, dos crimes de abuso sexual e homicídio perpetrados por mulher e no facto de ser algo pouco estudado comparativamente com a criminalidade masculina. É interessante compreender como a criminalidade feminina violenta foi mudando ao longo do tempo e como movimentos como o feminismo foram importantes para que fosse possível compreender o porquê de as mulheres cometerem crimes, as suas características a nível geral e individual e a forma como os crimes são cometidos por elas.

Para a realização da dissertação foi utilizada a análise qualitativa, pois, o facto de serem utilizadas entrevistas dá às participantes o poder de contarem a sua história de vida e de a organizarem a nível temporal e de significado, o que nos permite uma melhor compreensão acerca da mesma e acerca do crime que cometeram.

Acerca do tema é sabido que há características similares relativamente à caracterização das ofensoras em função da tipologia de crime, mas não há estudos realizados em Portugal, que comparem mulheres que cometeram abusos sexuais com mulheres que cometeram homicídios.

Enquadramento Teórico

1. Criminalidade feminina violenta – conceptualização e dimensão do fenómeno

Historicamente, os criminologistas ignoraram a criminalidade feminina. A pouca atenção que foi dada às agressoras geralmente limitava-se a três contextos: a comparação que compreendeu a falta de envolvimento das mulheres em crimes relacionados com os homens; estudos de prostituição e análises da depravação de mulheres violentas, sendo racional que, uma vez que as mulheres consideradas normais são passivas, as poucas mulheres que cometem crimes violentos devem estar doentes (Curran & Ranzetti, 2001 como citado por Banarjee et al., 2015).

Os fatores que explicam os motivos pelos quais as mulheres cometem crimes com mais frequência atualmente, parecem estar relacionados ao papel cada vez mais ativo das mulheres, tanto na sociedade como na família. Considerando os problemas económicos que isso acarreta, devido em parte à falta de capacitação profissional das mulheres que as obriga a trabalhar em setores em que recebem menos reconhecimento social e são mal pagas, faz com que o emprego esteja necessariamente vinculado à feminização da pobreza e, consequentemente, ao surgimento de formas associadas à criminalidade (Sánchez, 2019).

Os criminologistas feministas acreditam que a pesquisa da criminalidade feminina deve concentrar-se nos problemas sociais que refletem a discriminação entre mulheres e homens. Explicam a criminalidade feminina sob uma variedade de perspetivas feministas como o estatuto social, a distribuição de recursos sociais, as disparidades económicas e as relações familiares e pessoais modificadas (Bernard, 2013).

A sociedade atualmente ainda está a lutar contra as relações patriarcais e de igualdade de género. As mulheres ainda são mal remuneradas e percebidas como as menos dignas na sociedade. Esse conjunto de fatores, resulta para as mulheres, em posições de trabalho mal remuneradas e num menor status social, acabando por originar um clima de tensão e a envolvimento em atividades criminosas, que é um reflexo da sua posição social e cultural (Stanojoska & Jurtoska, 2018).

Um dos marcos mais importantes no que toca à criminalidade feminina foi a mudança ocorrida nos papéis do gênero ao longo dos anos pois, historicamente, a mulher tinha uma identidade socialmente imposta, que a restringia em diversos sentidos, nomeadamente na esfera pública. A mulher era privada de vários direitos e destinava-se maioritariamente ao meio doméstico, estando os seus desejos e vivências restringidos ao mesmo, porém, à medida que os anos passaram e que os direitos das mulheres foram sendo adquiridos, passaram da vida doméstica a um contexto social mais abrangente ao nível do mercado de trabalho, da família e na sociedade em geral, passando assim o seu papel a ser redimensionado (Souza, 2005).

Quando a questão é a criminalidade feminina, fica claro que na construção da identidade de gênero, as mulheres nem sempre se adequaram aos papéis prescritos socialmente e criaram diversas formas de oposição. Mostraram que a identidade feminina não se faz por um único caminho, mas que sofre constantes mudanças dependendo do contexto social e cultural em que ocorre e dos significados que desempenham na sua (Priori, 2011).

Cossins (2003), por exemplo, fala sobre a importância de compreender historicamente as narrativas sobre o bem e o mal da feminilidade e da maternidade, e vinculá-las ao processo cultural, permitindo assim, uma visão menos sensacionalista sobre as injustiças cometidas com as mulheres ao longo dos anos (Neumann, 2015), decorrentes da sobre culpabilização das mesmas por não corresponderem ao estereótipo de feminilidade.

Os estereótipos de feminilidade, como a fraqueza e a submissão são incompatíveis com qualidades valorizadas no submundo do crime (Steffensmeier, 1986 como citado por Steffensmeier & Allan, 1996). Exemplo disso, são as mulheres criminosas e violentas, que demonstram que o papel de passividade e submissão, adequados ao seu papel de gênero, não foram seguidos, rompendo assim o normativo (Priori, 2011).

Devido ao papel que a mulher desempenha na sociedade, o seu envolvimento no mundo do crime, é muitas das vezes atribuído a questões de psicopatologia, insensatez e indecência (Carvalhoes, 2015). Também, os meios de comunicação social são responsáveis por rotular as mulheres envolvidas em crimes, como sendo desajustadas, assumindo assim que mesmo com a luta das mulheres pela igualdade de gênero e pela mudança dos papéis de gênero, a sociedade continua a ter um pensamento tradicional,

do que deve e não deve ser uma mulher, e qual deve ser o seu papel (Butler, 2003 como citado por Carvalhaes et al., 2018).

Mesmo dentro do mundo do crime feminino ainda são visíveis diferenças e estereótipos, como é o caso em que quando os crimes são cometidos por mulheres caucasianas e de classe social alta, são geralmente descritos com forte agitação social, ódio e revolta, enquanto no caso de crimes cometidos por mulheres negras e/ou de estatuto socioeconómico baixo, os crimes são descritos com menor relevância (Carvalhaes et al., 2018).

Foi a partir da segunda metade do século XIX, que os criminólogos começaram a ter mais atenção ao crime feminino e a criar diversas teorias. O paradigma biopsicológico, foi sustentado pela interpretação do crime, analisando as características individuais de cada indivíduo, que seriam afetadas pelos fatores ambientais (Sánchez, 2004). Tendo em conta esse paradigma, o crime feminino foi recorrentemente atribuído à sexualidade precoce, percebida como um indicador de desajustamento social, e à tensão pré-menstrual, que conduziria a mudanças no comportamento da mulher, deixando-a irritável, impulsiva e agressiva, devido às alterações hormonais ocorrentes nesse período (Ratton & Galvão, 2016).

Há diversas teorias na criminologia que são importantes destacar, principalmente ao nível da criminalidade feminina. É importante destacar duas grandes linhas, a linha tradicional, onde está inserida a criminologia positivista e a linha da criminologia feminista (Priori, 2011). A Criminologia Positivista, linha tradicional, foi baseada principalmente nas conceções lombrosianas, baseadas em teorias biológicas e psicológicas existentes. Nesta teoria, a criminalidade feminina estaria ligada, á fase relacionada à sua sexualidade, como a fase menstrual e à não adequação ao papel reprodutivo, levando assim a desvios (Priori, 2011).

Devido ao reducionismo das linhas tradicionais, o feminismo veio dar uma visão mais alargada quanto às explicações para o aumento da criminalidade feminina (Matos & Machado, 2012). As conquistas feministas são facilitadas por mudanças elementares na criminologia (Matos, 2008). Os movimentos feministas, criados a partir dos anos 60, tiveram um impacto ainda maior, dando origem a várias vertentes, passando não apenas a ser um movimento político de luta pela igualdade de género, mas expandindo-se noutras áreas como a criminologia (Priori, 2011; Matos & Machado, 2012). Inspirada

pelo movimento feminista, a ofensora feminina procuraria igualdade a todos os níveis, mesmo no mundo do crime (Chesney-Lind, 1997).

Ao longo da década de setenta, várias figuras reforçam a ideia de que o movimento de emancipação da mulher teria provocado um aumento da criminalidade feminina (Matos & Machado, 2012). Um exemplo dessas figuras foi Adler (1975), uma autora feminista importante durante o processo deste movimento, chegando mesmo a publicar um livro em que veio reforçá-lo (Pollock & Davis, 2005; Kruttschnitt & Gartner, 2008; Gainford, 2017).

Nas décadas seguintes, a criminologia feminista procurou questionar as teorias tradicionais da criminalidade feminina e os estereótipos existentes que sustentavam essas concepções, vendo a mulher criminosa como “desviada” (Priori, 2011). Para a criminologia feminista, a mulher “desviada” não é mais um objeto de estudo, mas sim, as circunstâncias sociais e históricas que afetam as mulheres infratoras e as mulheres em geral, bem como outros grupos marginalizados da sociedade. As feministas procuram então, desconstruir os discursos da desviância feminina através da exploração de fatores sociais e económicos, o poder patriarcal e os mecanismos formais de controlo do comportamento feminino (Matos & Machado, 2012).

Outra das mudanças que a criminologia veio trazer foi a metodologia qualitativa, utilizada com mulheres ofensoras, dando prioridade a métodos como as entrevistas, para uma melhor perceção das suas histórias e uma melhor compreensão da ofensa (Sommers & Baskin, 1997). Esta metodologia é importante no estudo deste fenómeno, pois ao serem entrevistadas, as pessoas são ouvidas e envolvem-se na atividade de contar o que lhes aconteceu, sobre as diferentes ocorrências ao longo do tempo, organizando-as em termos temporais e de significado, construindo e dando a conhecer a visão que têm sobre si próprias (McAdams, 2008).

Também na área do direito, as feministas tiveram um papel importante, chamando à atenção para a desigualdade da mulher no direito penal, tanto ao nível da vitimização, bem como no papel de ofensoras. Assim sendo, é possível ter em atenção a desigualdade no tratamento das mulheres que cometem crimes violentos, devido ao facto de terem rompido com o que era considerado normativo, tendo sido vítimas do modelo patriarcal e do controle existentes nas suas diversas áreas de vida (Priori, 2011).

Há diversas alternativas relativamente à preocupação com o crescimento do crime feminino, uma delas sugere que a mudança dos papéis de género reflète mal-estar

por parte das mulheres, e a outra é baseada em mudanças gerais nos crimes femininos, ao longo do tempo, ou seja, a forma e as motivações para cometer crimes foram-se alterando (Kruttschnitt & Gartner, 2008). Apesar da mudança dos papéis de género, a literatura sugere que vários crimes cometidos por mulheres, são cometidos muitas das vezes em parceria com o seu parceiro íntimo (Santos, 2016).

No que diz respeito à dimensão do fenómeno, os estudos de prevalência indicam valores preocupantes e tendencialmente crescentes. Verifica-se uma grande variabilidade das taxas de prevalência ao nível internacional, constatando-se, no entanto, um aumento das taxas dos crimes perpetrados por mulheres. Na China, de acordo com o Anuário Estatístico de 2012, o número de mulheres reclusas aumentou de 75.870 para 93.051 desde 2004 a 2011. Nos Estados Unidos, a situação é semelhante à da China, tendo aumentado de 98.332 para 112.136 de 2004 até 2009 (Montgomery & Zeng, 2016; Reisig, Holtfreter & Morash, 2006).

Crimes relacionados com drogas, crimes de propriedade, fraude, tráfico de seres humanos e prostituição, são os tipos mais comuns de criminalidade feminina (Li, 2010; Comissão de Penas dos Estados Unidos, 2014, como citado por Montgomery & Zeng, 2016). Além disso, alguns estudos indicam que as mulheres cometem crimes mais graves do que os homens. No Bangladesh, por exemplo, com base na distribuição percentual, as mulheres cometeram mais crimes violentos (66%) do que quaisquer outros crimes em 2012. Entre os crimes violentos, as mulheres participaram em homicídios ou tentativas de homicídio (65,2%) e em agressões (10,6%) (Islam & Khatun, 2013 como citado por Banarje, Islam & Khatun, 2015).

Na Nigéria, o número de jovens infratoras tem aumentado comparativamente com os jovens do sexo masculino (17% vs. 4.5%). O aumento mais significativo é por infrações de trânsito que incluem violações de fiança ou títulos. Em cada uma dessas categorias, o número de mulheres condenadas aumentou para cerca de 35% entre 2003 e 2007 (Jacobson, 2009 como citado por Ameh, 2013). Em Israel, enquanto a taxa de homens reclusos tem permanecido estável, a taxa de mulheres tem aumentado nos últimos anos (Chernoff e Simon, 2000; Corbett, 2007 como citado por Shechory, Perry & Addad, 2011).

Em Portugal, entre 2010 e 2019, o número de pessoas reclusas aumentou, tanto para homens como para mulheres, havendo em 2010, cerca de 10986 reclusos e 627 reclusas, comparativamente com 11934 reclusos e 859 reclusas em 2019. Quanto ao

tipo de crime há algumas variações relativamente ao sexo, em que os homens tendem a cometer mais crimes contra o património, sendo o furto simples e qualificado o mais cometido, e crimes contra as pessoas, nomeadamente o homicídio, enquanto no que toca às mulheres, estas cometem mais crimes relativos a estupefacientes, seguindo-se de crimes contra as pessoas, como o homicídio, isto em 2010. Em 2019, os crimes mais cometidos por homens muda, sendo o mais frequente o crime relativo a estupefacientes, seguindo-se de crimes de violência doméstica. Quanto aos crimes cometidos por mulheres, estes mantêm-se comparativamente com 2010 (Estatísticas anuais DGRSP 2010; 2019).

Posto isto, é possível concluir que a criminalidade feminina foi marcada essencialmente pela emancipação das mulheres e compreendida através da visão feminista e, a nível mundial, é um fenómeno crescente e que foi gerador de interesse por parte de diferentes investigadores.

2. Tipologia ou caracterização das mulheres que cometem crimes violentos

Relativamente à caracterização das mulheres que cometem crimes violentos, segundo a literatura, além das diferenças individuais de cada uma delas, há semelhanças nas mesmas, tanto ao nível da saúde mental, como ao nível dos fatores familiares e socioeconómicos que caracterizam a grande maioria delas.

As causas da criminalidade feminina incluem fatores pessoais e questões sociais. Vários fatores foram sugeridos como explicação para mulheres envolvidas no crime, incluindo a forte dependência psicológica e a falta de capacidade de autoproteção, a busca de prazer, a falta de educação e conhecimento jurídico, marginalização por relacionamentos pessoais, sexismo, desvantagem económica e influência da cultura de violência (Montgomery & Zeng, 2016). Além disso, devido às diferenças no ambiente social, como a cultura, formação política e níveis de desenvolvimento económico, pessoas de diferentes países podem ter uma variedade de perceções sobre as causas e a eficácia das prevenções e soluções da criminalidade feminina (Montgomery & Zeng, 2016).

Ao nível da saúde mental, os estudos indicam a prevalência de certas patologias. Um estudo efetuado nos Estados Unidos com cerca de 805 reclusas concluiu que as três

perturbações mais recorrentes são a dependência de substâncias, a perturbação de personalidade *borderline* e a perturbação de personalidade antissocial, sendo habitualmente estas patologias mais visíveis na população reclusa em comparação com a população que vive em comunidade normativa, sendo um possível contributo para o comportamento desviante e a prática de crimes (Valença et al., 2010).

Além destas patologias, outros estudos também demonstraram que a depressão, ansiedade e psicose eram elevadas em mulheres reclusas. Outros aspetos em comum, encontrados neste estudo foi o facto destas mulheres apresentarem elevadas taxas de desemprego, baixa escolaridade e abuso de álcool e/ou drogas (Tye & Mullen, 2006).

Quanto ao abuso de álcool, Stuart et al. (2004), realizou um estudo com 103 mulheres reclusas por crimes violentos e dividiu-as em dois grupos, sendo um deles caracterizado por mulheres que abusavam do álcool e o outro, por mulheres que não abusavam. O primeiro grupo, retratou maior frequência de abuso físico, psicológico e sexual por parte dos companheiros e por parte delas, sendo o álcool, um fator preditor tanto de vitimização, como de violência.

No que se refere a abusos, principalmente abusos sexuais, vários estudos foram feitos e concluíram que mulheres que os sofreram tanto na infância, por parte de familiares, como na idade adulta, por parte dos seus parceiros íntimos, têm uma tendência acrescida para cometerem crimes (Siegel & Williams, 2003; Bernard, 2013).

Outro fator de extrema importância é o contexto familiar, sendo explícito em vários estudos que a maioria das mulheres que cometem crimes violentos, começou por ter problemas familiares, tendo mais de metade crescido em ambientes familiares problemáticos, em que experienciaram vários tipos de violência entre os pais, e abuso de álcool por parte dos progenitores, assistiram a violência para com os seus irmãos e violência direta contra as mesmas, e consequentemente, não tiveram os devidos cuidados por parte dos cuidadores (Miller, 2001; Ryder, 2003 como citado por Batchelor, 2005). Como resultado destas vivências, várias mulheres expressaram sentimentos de raiva não resolvidos, contribuindo indiretamente para a prática de comportamentos ofensivos e criminais (Acoca & Dedel, 1998; Howard, 1997 como citado por Souza, 2005).

Em síntese, a maioria das mulheres que cometem crimes violentos provêm de contextos familiares desregulados, têm historial de vários tipos de abuso, vividos quer

diretamente como indiretamente, historial de abuso de álcool e/ou drogas, provêm de um nível socioeconómico baixo e têm uma transição precoce para a vida adulta, o que significa que poderão ter tido um abandono escolar e gravidez precoces, sendo que os crimes considerados mais socialmente alarmantes, são os crimes sexuais e os homicídios (Souza, 2005).

2.1. As mulheres ofensoras sexuais

Os crimes sexuais são geralmente associados aos homens, no entanto, pesquisas sólidas sugerem que os crimes sexuais cometidos por mulheres representam cerca de cinco por cento de todas as ofensas sexuais, quer perpetradas em crianças, quer em adolescentes (Grayston & De Luca, 1999 como citado por Nathan & Ward, 2002; Cortoni, 2009; Cortoni et al., 2017). No entanto, o verdadeiro número de ofensas é superior ao que os números oficiais apresentam (Saradjian, 2010), pois se a violência for perpetrada por uma mulher que é mãe, em que a ofensa ocorre dentro da família, o crime tende a ser ocultado (Cauffman, 2008; Kington, 2014; Peter, 2006 como citado por Setubal et. al., 2019). Na Holanda, são responsáveis por pelo menos um por cento de todos estes casos, e segundo a literatura, o abuso por parte de mulheres é ocultado em práticas como cuidar das crianças, dar-lhes banho e trocar as fraldas (Allen, 1991; Bumby & Bumby, 1997; Kaplan & Green, 1995 como citado por Wijkman, Bijleveld & Hendriks, 2010). Esta é uma das razões que demonstra o porquê do abuso por mulheres não ser tão facilmente detetado como quando é cometido por homens.

Outra das razões presentes na literatura é o facto de as vítimas não denunciarem tão facilmente, pois o abuso por parte de mulheres não é tão facilmente visto pelas autoridades (Faller, 1987; Sarrel & Masters, 1982 como citado por Wijkman, Bijleveld & Hendriks, 2010).

As mulheres ofensoras sexuais estão a aumentar notoriamente, porém são pouco estudadas e compreendidas. Essa escassez de estudos não indica que se trate de um fenómeno irrelevante, dado que as ofensas sexuais podem ter um impacto grave sobre as vítimas e este impacto pode ser distinto quando o ofensor é mulher (Vandiver & Walker, 2002; Cortoni, Babchishin, & Rat, 2017).

Cada vez mais, fica claro que as mulheres que cometem crimes sexuais representam um grupo heterogéneo, com motivos e necessidades distintas, contudo,

apresentam também semelhanças (Nathan & Ward, 2001). É necessário ter em atenção diferentes tipos de variáveis para que seja possível uma melhor interpretação destes crimes, como as variáveis relativas ao ofensor (sociodemográficas, psicopatologia, tipologia e motivação para o crime), e as variáveis relativas à vítima e à sua relação com o ofensor.

Relativamente às variáveis sociodemográficas dos ofensores, dois estudos realizados por Allen (1991) e Faller (1995), comprovaram que a idade da primeira ofensa sexual perpetrada por uma mulher é inferior comparativamente à de um homem, acrescentando ainda, o segundo autor, que a média de idades é de 28 anos para uma mulher, e de 33 anos para um homem (Johansson-Love & Fremouw, 2009; Vandiver & Walker, 2002 como citado por Gannon & Rose, 2008; Tsopelas, Spyridoula & Athanasios, 2011; Chan & Frei, 2013). A maioria das mulheres apresenta ainda um estatuto socioeconómico baixo e há elevadas taxas de desemprego (Faller, 1987 como citado por Nathan & Ward, 2002; Gannon & Rose, 2008), sendo também comum os casamentos precoces e/ou vários parceiros e uma pequena diferença de idades entre mãe e filho (Saradjian & Hanks, 1996 como citado por Nathan & Ward, 2002). A maioria das ofensoras sexuais femininas são caucasianas e apresentam problemas de álcool e/ou substâncias psicoativas precocemente (Bumby & Bumby, 1997; Faller, 1995; Mathews et al., 1991 como citado por Wijkman, Bijleveld & Hendriks, 2010).

Alguns autores também referem que a maioria das ofensoras sexuais foram abusadas tanto sexualmente, como fisicamente na sua juventude, tanto por parte da família, como por parte de um parceiro íntimo (Allen, 1991; Kaplan & Green 1995 como citado por Wijkman, Bijleveld & Hendriks, 2010; Frey, 2010; Oliver, 2007 como citado por McLeod, 2015; Strickland, 2008; Christopher, Lutz-Zois & Reinhardt, 2007).

No que se refere à possível psicopatologia existente nestas mulheres, estudos sugerem que a presença de problemas psicológicos, são comuns entre elas, como é o caso da depressão, ansiedade, dissociação e perturbação de stress pós-traumático (Grayston & DeLuca 1999; Hislop 2001 como citado por Johansson-Love & Fremouw, 2009; Faller, 1987; Grayston & Deluca, 1999 como citado por Nathan & Ward, 2002; Fazel, Sjöstedt, Grann, & Långström, 2010).

A ideia de que as mulheres apenas abusam sexualmente porque têm patologias mentais, encaixa-se nas teorias tradicionais de ofensa feminina, em que era defendido que as mulheres ofensoras, eram mentalmente perturbadas e desajustadas ao seu papel

feminino (Blanchette & Brown, 2006; DeKeseredy, 2009 como citado por Cortoni, Babchishin & Rat, 2017). Explicações contemporâneas, sugerem que as agressoras sexuais, embora tendam a ser vulneráveis social ou emocionalmente, ofendem por diferentes motivações que incluem gratificação sexual, intimidade, vingança ou humilhação (Harris, 2010).

No que toca à motivação para o abuso, um estudo de Atkinson (2000) com 19 mulheres, num Estabelecimento Prisional no Canadá descobriu que nem todas as que praticaram uma ofensa sexual foram coagidas, algumas fizeram-no por motivação própria.

Já, Mathews et al. (1989), descobriu no seu estudo que 13 das 16 mulheres participantes, afirmaram que os abusos foram perpetrados devido à dependência ou rejeição por parte dos homens, nove delas foram motivadas devido a desejos de atenção, outras referiram sentimentos de raiva, vingança, rejeição e ciúme por pessoas que não foram as suas vítimas e quatro delas ainda viram as suas ações como atos de amor. A maioria declarou que a excitação sexual não é um fator importante.

Outro fator relatado na literatura, é o facto de as mulheres cometerem estas ofensas de modo a agradar aos seus parceiros sexuais, deixando-os abusarem dos seus próprios filhos, o que revela vulnerabilidade, baixa autoestima e graves necessidades de dependência (Nathan & Ward, 2002; Muskens et al., 2011).

Um estudo realizado por Beech et al. (2009) concluiu através de uma análise qualitativa que quatro dos cinco esquemas motivacionais da teoria implícita de Ward (2000), utilizados em estudos com agressores do sexo masculino, eram iguais no que toca a agressoras, nomeadamente no que toca a verem as crianças como objetos sexuais, a natureza do dano (a ideia de que o abuso sexual não é prejudicial para a criança), a incontrolabilidade e o mundo perigoso.

Embora as agressoras sexuais tenham características em comum com os agressores sexuais masculinos, elas também têm necessidades bastante diferentes (Nathan e Ward, 2001 como citado por Beech, Parrett, Ward & Fisher, 2009).

Quanto às características das vítimas, como o sexo e a idade, Vandiver e Walker (2002), num estudo feito em Arkansas com 40 mulheres, concluíram que metade das vítimas tinham uma idade compreendida entre os 11 e os 16 anos, enquanto 24%, estavam entre os quatro e os 10 anos de idade. Quanto ao sexo, Grayston e DeLuca

(1999), concluíram que as raparigas eram mais propensas a ser vitimadas do que os rapazes (Johansson-Love, & Fremouw, 2009).

A relação entre a vítima e o ofensor também é outra variável importante a ser considerada. Mathews et al. (1997), no seu estudo com 67 mulheres, conclui que apenas 13% eram estranhos à vítima. Faller (1995), concluiu, numa amostra de 40 ofensoras, que 55% abusaram apenas dos seus próprios filhos, enquanto 30% abusaram dos seus filhos e dos outros. Os autores Vandiver e Kercher (2004), numa amostra de 471 mulheres, concluíram que 46% conheciam a vítima e apenas sete por cento não a conheciam. Todos estes estudos apontam no mesmo sentido, indicando que em mais de metade dos casos as vítimas das mulheres ofensoras sexuais são conhecidas das mesmas.

Os atos sexuais que ocorrem durante o abuso abrangem todo o tipo de abusos sexuais, como o acariciamento genital, sexo oral e penetração anal e/ou vaginal (Mathews et al., 1991; Vandiver & Kercher, 2004; Vandiver & Walker, 2002 como citado por Wijkman et al., 2010), porém, as evidências indicam que a maioria das mulheres usam medidas menos coercivas do que os homens e que raramente agredem fisicamente as suas vítimas (Mathews, 1993 como citado por Nathan & Ward, 2002).

Uma grande percentagem de ofensoras comete os abusos juntamente com um coautor, muitas das vezes, o seu parceiro íntimo, sendo o abuso intrafamiliar (Faller, 1987; Lewis & Stanley, 2000; O'Connor, 1987 como citado por Wijkman, Bijleveld & Hendriks, 2010; Vandiver & Kercher, 2004) e acabando as ofensoras por serem passivas (Mathews, 1993 como citado por Nathan & Ward, 2002).

Por fim, quanto à tipologia das ofensoras, estas podem ser divididas em diversos grupos e diferentes autores nomeiam diferentes tipologias. Mathews et al. (1991), tem o conjunto de tipologias mais referenciado na literatura, apesar de uma amostra pequena, devido a dar uma maior visão acerca da natureza das ofensas e a motivação dos ofensores, nomeando três tipos de mulheres ofensoras sexuais. O primeiro tipo foi o “professor-amante”, que consiste numa mulher que abusa de um adolescente, mas nega o abuso e sente que tem um caso amoroso com a vítima; o segundo, foi o tipo “intergeracionalmente predisposto”, que compreende uma mulher com histórico de abuso físico e/ou sexual, quer nos seus próprios filhos, quer num conhecido da criança; e o terceiro era o tipo “coagido masculino”, que abrange mulheres que sofreram abuso sexual e que, forçadamente, participam num abuso de uma criança iniciado pelo parceiro íntimo

(Mathews et al., 1989 como citado por Gannon & Rose, 2008; Turner et al., 2008; Gannon, Rose & Ward, 2010).

Os autores, Vandiver e Kercher (2004), utilizaram uma amostra maior do que o autor anterior, mas em contrapartida, com informação mais limitada e distinguiram seis tipologias. A primeira foi “o educador heterossexual”, que se refere a uma mulher que abusa de um adolescente, mas nega o abuso (esta categoria assemelha-se ao tipo “professor-amante” de Mathews et al. (1989)); a segunda foi “o agressor homossexual não-criminal”, uma mulher que abusa de jovens vítimas femininas, muitas vezes sem um historial de delinquência ou recaída; a terceira era “a predadora sexual”, uma mulher de quase 30 anos, que geralmente abusa de uma jovem vítima masculina (em média 11 anos de idade); a quarta, foi “a jovem exploradora de crianças”, uma jovem mulher que ataca crianças pequenas; a quinta foi “a criminosa homossexual”, uma mulher mais velha com alto risco de recaída a qualquer ofensa, que força crianças pequenas e mulheres adolescentes em atos sexuais e, por vezes, na prostituição; e a sexta foi a “agressora homossexual agressiva”, que é semelhante à “criminosa homossexual”, com exceção de que as suas vítimas são principalmente mulheres adultas.

Há uns anos, era impensável que houvesse tantos estudos acerca de mulheres agressoras sexuais, nomeadamente acerca de tratamentos utilizados (Gannon & Cortoni, 2010) e de um modelo que descrevesse as ofensas sexuais femininas (Gannon, Rose & Ward, 2010; Gannon, Rose, Ward & Gannon, 2012; Cortoni & Gannon, 2016).

2.2. As mulheres homicidas

O comportamento violento, nomeadamente o homicídio, por mulheres é um tema controverso e não muito estudado, comparativamente no que toca a homicídio efetuado por homens, porém, é sabido que é algo que está a aumentar (Ratton & Galvão, 2016).

Na Suécia, bem como internacionalmente, os criminosos de homicídio são, na maioria dos casos, do sexo masculino (Flynn et al., 2011; Liem et al., 2013; Sturup & Lindqvist, 2014 como citado por Trägårdh, Nilsson, Granath & Sturup, 2016).

O facto de as mulheres matarem proporcionalmente menos que os homens e em condições parcialmente distintas não deve retirar da análise sociológica a consideração

de fatores estruturais, culturais e institucionais para explicar e compreender os homicídios cometidos por mulheres (Ratton & Galvão, 2016).

Em 1993, nos Estados Unidos, segundo relatórios do FBI, cerca de 13% de todos os crimes violentos e nove por cento dos homicídios, foram perpetrados por jovens mulheres (Loper & Cornell, 1996).

Entre 2000 e 2004, os números de crimes violentos continuam a aumentar, nomeadamente os cometidos por adolescentes ou jovens adultos, tendo a maioria dos ofensores menos de 25 anos, estando incluídos tanto jovens acusados de homicídio, como de tentativa de homicídio, ocupando as mulheres, uma percentagem menor, comparativamente com os homens (Roe-Sepowitz, 2007).

Há diferenças ao nível da ofensa entre homens e mulheres, sendo as mulheres mais propensas a matar membros da família (Bell & Vandiver, 2016) e a usar cúmplices para executar o homicídio, sendo os cúmplices na maioria das vezes, homens (Benedek & Cornell, 1989; Ewing, 1990; Gardiner, 1985; Heide, 1992; McCarthy, 1978; Medlicott, 1955; Russell, 1986, como citado por Heide, 2003). Quando os homicídios são efetuados dentro da família, normalmente estão na origem um histórico de abuso físico ou sexual, negligência parental, perturbação psicológica relacionada e abuso de substâncias. Além disso, as mulheres que cometeram homicídios, têm em média um registo criminal menos extenso comparativamente com os homens (Yourstone et al., 2008).

Uma grande percentagem de homicídios realizados por mulheres, são os que acontecem dentro de uma relação de intimidade (Trägårdh et al., 2016; Swatt & He, 2006). Segundo o que é retratado na literatura, quando as mulheres são vítimas de abuso, quer físico, psicológico e/ou sexual e passam por uma experiência traumática podem demonstrar comportamento agressivo em situações de conflito (Yourstone et al., 2008), e matar é tipicamente usado como uma medida defensiva, apesar de uma minoria matar devido a ciúme (Belknap et. al, 2012).

A principal diferença entre os homicídios íntimos cometidos por homens e mulheres pode ser atribuída ao facto de que os delitos femininos envolvem uma liberação explosiva de agressão em relação a um parceiro íntimo abusivo (Swatt & He, 2006). As mulheres raramente matam o companheiro após a relação terminar (Johnson & Hotton, 2003; Wallace, 1986; Wilson e Daly, 1993 como citado por Bourget &

Gagné, 2012). A agressão contra pessoas estranhas é menos comum (Husain et al., 1983, como citado por Valença et al., 2010).

Outro caso frequente de homicídios por mulheres tem como vítimas os seus próprios filhos, como é o caso em que o abuso infantil acaba em morte, ou em que uma jovem mãe, habitualmente solteira, quer encobrir a sua gravidez e mata o seu filho à nascença (Lambie, 2001). O mesmo pode acontecer, quando a criança nasce com algum tipo de deficiência física ou mental (Daly & Wilson, 1988 como citado por Roe-Sepowitz, 2007).

Na Suécia, um estudo demonstrou que distúrbios mentais e tentativas anteriores de suicídio constituem fortes fatores de risco para infanticídio (Lysell et al., 2014). Um estudo realizado nos Estados Unidos por Fox e Zawitz (2001), demonstrou que mais de metade das vítimas de homicídio por mulheres, são os seus parceiros íntimos, comparativamente com os seus filhos.

Uma proporção considerável de mulheres homicidas é suscetível de estar sob a influência do álcool (Block & Christakos, 1995; Jurik & Winn, 1990; Mann, 1996 como citado por Roe-Sepowitz, 2007), embora em menor número, comparativamente com os homens (Smith, Moracco, & Butts, 1998 como citado por Roe-Sepowitz, 2007). A Finlândia tem a maior taxa de homicídios na Europa Ocidental (Lehti, 2006 como citado por Putkonen et. al, 2008). O papel do álcool é marcante na criminalidade finlandesa, especialmente em crimes de violência. Um estudo transcultural encontrou uma forte associação entre venda de álcool e homicídio na Finlândia (Rossow, 2001).

O método utilizado pelas mulheres para matar, depende da vítima, sendo a maioria dos parceiros, mortos com armas e facas (Bourget & Gagné, 2012) e as crianças mais frequentemente por espancamentos, asfixia e estrangulamento (Fox & Levin, 2001). As mulheres são menos prováveis de cometer suicídio após um homicídio em comparação com os homens, especialmente quando a vítima é o seu parceiro (Block & Christakos, 1995; Daly & Wilson, 1988; Silverman & Kennedy, 1988 como citado por Roe-Sepowitz, 2007).

Quanto aos fatores socioeconómicos e sociodemográficos, presentes na literatura, para a caracterização geral destas mulheres, destaca-se a pobreza, desigualdade de género e discriminação racial (Crimmins et al., 1997; Jensen, 2001;

Mann, 1996; Ogle et al., 1995; Peterson, 1999; Vollum & Titterington, 2001; Websdale, 1999 como citado por Roe-Sepowitz, 2007).

É também importante referir o papel que a psicopatologia pode ter para o surgimento destes crimes, tendo sido desenvolvidos estudos que fundamentam esta noção (Valença, 2008). Alguns estudos relataram que os homicídios ocorrem significativamente com mais frequência no primeiro episódio psicótico (Meehan et al., 2006; Nielssen et al., 2007). É considerado como primeiro episódio, o período entre o início da doença e o período da primeira remissão, não havendo uma definição clara na literatura (Bennett et al., 2012). A patologia mais referenciada e associada a comportamentos violentos graves é a esquizofrenia, tendo os indivíduos portadores desta doença, uma maior probabilidade de cometerem um crime violento do que a população em geral (Hodgins, 2001; Meehan et al., 2006).

A psicopatia, é uma patologia que está a ser cada vez mais estudada relativamente à criminalidade feminina, e é um construto essencial na explicação do comportamento criminoso (Hare, 2003 como citado por Weizmann-Henelius et. al, 2010). A maioria dos estudos com amostras de agressores femininos, bem como amostras psiquiátricas e comunitárias, revela uma menor taxa de prevalência de psicopatia em mulheres do que em homens agressores (Weizmann-Henelius et. al, 2010).

A presença de outras patologias como perturbações de personalidade e o uso de álcool e/ou drogas, também é outro fator em ter em conta quando se fala de comportamentos violentos (Modestin, 1997 como citado por Valena, 2008).

Conceitos como vitimização, patologia e domesticidade estão presentes em diversas teorias quando se fala de criminalidade feminina (Ratton & Galvão, 2016).

É importante referir, que quando se fala acerca de mulheres homicidas há uma tendência para serem rotuladas como sendo “loucas” e não estando lúcidas quando cometem o crime. Diversos estudos qualitativos, apresentaram uma forte rejeição por parte dessas mulheres para esses rótulos, sendo que diversas mulheres se consideram como vítimas, quer, por parte das suas vítimas como por parte do sistema judicial, e consideram-se também boas mães e boas mulheres (Whiteley, 2012; Geiger & Fischer, 2005; Comack & Brickey, 2007).

3. A pertinência de uma abordagem narrativa na compreensão da criminalidade feminina

Numa perspectiva construtivista e construcionista, vários autores postulam a natureza narrativa do sujeito, na medida em que organiza as suas experiências em forma de história, numa narrativa, construindo-se enquanto pessoa ao longo da mesma (McAdams, 2008; Morgan, 2002).

As histórias de vida e as narrativas conferem sentido, coerência e significado ao sujeito, dão-lhe um sentido de continuidade perante a diversidade de experiências e, até, perante mudanças radicais ou inesperadas na trajetória de vida (Mansfield, Pasupathi, & McLean, 2015; McAdams, 2004; Pals, 2006). A perpetração de um crime violento e, até a reclusão, são acontecimentos que, à partida, podem constituir-se como desafios à identidade – principalmente no caso das mulheres que, como vimos, maioritariamente são socializadas para o cuidado, a afetividade e a não agressividade (McAdams, 2008).

No presente estudos, pretende-se adotar uma abordagem narrativa no estudo da criminalidade feminina violenta, procurando compreender as histórias de vida de mulheres condenadas por homicídio e por crimes sexuais – ou seja, de que modo organizam e dão sentido às suas experiências, como constroem e significam o crime e como constroem a sua identidade.

Esta análise poderá permitir compreender os contextos de vida destas mulheres, como se posicionam face ao crime e à sociedade, de forma a identificar aspetos narrativos e identitários que possam ser trabalhados ou potencializados em termos terapêuticos.

Objetivos

No presente estudo, pretende-se explorar as trajetórias de vida das mulheres que cometerem crimes violentos e que estão a cumprir pena efetiva de prisão.

Para tal, colocam-se as seguintes questões (Q) de investigação:

Q1 – Que temas narrativos centrais surgem na história de vida das mulheres que cometeram crimes violentos? Que aspetos integram nos temas e como descrevem esses temas? O crime é um tema que surge na sua história de vida? Se sim, como?

Q2 - Como se constroem em termos identitários/self ao longo da sua narrativa?

Método

Participantes, amostragem e procedimento de recolha de dados

Este estudo integra nove participantes do sexo feminino, sendo que quatro estão condenadas por crimes sexuais e cinco estão condenadas por homicídio. Foram selecionadas a partir dos seguintes critérios de inclusão: estar condenada por um crime sexual ou por um crime de homicídio; estar a cumprir pena efetiva de prisão; possuir capacidades cognitivas mínimas para que sejam possíveis a compreensão e o relato de situações, problemas e acontecimentos e, por último, não apresentar indicadores de consumo ativo de substâncias psicoativas nem psicopatologia, no presente.

Tendo em conta os objetivos do estudo, a seleção das participantes adotou uma estratégia de amostragem intencional teórica (Flick, 2007), ou seja, de modo que as participantes pudessem ser uma melhor fonte de dados para o objeto de estudo.

Para se efetuar a recolha, foi elaborado e enviado um pedido de autorização à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e, após a devida autorização, procedeu-se ao contacto com o Estabelecimento Prisional Santa Cruz de Bispo Feminino, com a finalidade de divulgar o estudo e estipular uma ida ao mesmo de modo a realizar a recolha de dados. Foram notificados sobre os critérios de inclusão, tendo a direção do estabelecimento prisional nomeado potenciais participantes. Desta seleção, a investigadora reuniu-se individualmente com cada participante para questionar a possibilidade de colaboração na investigação, recorrendo ao consentimento informado elaborado para o presente estudo, onde se clarificou o objetivo geral do estudo, os procedimentos, bem como o carácter voluntário da participação e o anonimato.

No que diz respeito à administração dos instrumentos, esta decorreu em duas fases. Na primeira fase administrou-se um questionário Sociodemográfico e Criminal (que possibilitou a recolha de dados sociodemográficos, jurídico-penais e prisionais) e o *Brief Symptom Inventory* (BSI), para que fosse possível identificar as mulheres com e sem indicadores de psicopatologia. Numa segunda fase foi aplicada a entrevista da história de vida, gravada em áudio e, posteriormente, transcrita na totalidade. Toda a recolha ocorreu individualmente, tendo a primeira fase demorado cerca de 30 minutos e a segunda fase cerca de uma hora.

É de mencionar que para a identificação do tipo de crime, esta informação foi cedida pela direção do Estabelecimento Prisional em questão. No âmbito da avaliação dos problemas de consumo ativo de substâncias psicoativas, o Estabelecimento Prisional selecionou previamente as reclusas que haviam passado nos testes de rotina para despiste do consumo de drogas/álcool.

Tabela 1

Participantes do estudo

Participantes	Tipo de crime
Participante 1	Abuso Sexual de Crianças Agravado
Participante 2	Abuso Sexual de Crianças
Participante 3	Abuso Sexual de Crianças Agravado na forma consumada
Participante 4	Abuso Sexual de Crianças
Participante 5	Homicídio
Participante 6	Homicídio
Participante 7	Homicídio
Participante 8	Homicídio
Participante 9	Homicídio

Instrumentos

- Questionário sociodemográfico e criminal - questionário de caracterização sociodemográfica, criminal e prisional. O primeiro instrumento foi criado e elaborado para o presente estudo para recolher dados sociodemográficos e criminais e medir a ocorrência de vitimização na prisão. A secção sociodemográfica inclui perguntas sobre sexo, idade, profissão e alfabetização, enquanto a secção criminal aborda a tipologia, reincidência, pena e número de condenações.

- BSI - Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI) (Derogatis, 1982, traduzido e adaptado por Canavarro, 2007) - avalia sintomas psicopatológicos ao nível de nove dimensões de sintomatologia e faz avaliações sumárias de perturbação emocional. As nove dimensões referem-se a importantes elementos de psicopatologia: a somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranoide e psicoticismo. No que diz respeito às pontuações gerais, resulta no índice geral de sintomas, índice de sintomas positivos e total de sintomas positivos.

- A Entrevista de História de Vida de McAdams (McAdams, 2008 adaptada por Conde, Ferreira, & Garcia, 2019) foi utilizada de modo a obter os relatos das participantes sobre a sua história de vida, de forma a conseguir dados adequados para posterior análise narrativa.

Estratégia de análise utilizada e procedimentos

A estratégia de análise utilizada para o presente estudo foi a análise narrativa, pois mediante os objetivos do mesmo, a abordagem teórica subjacente e a técnica de recolha de dados utilizada, é a mais adequada (Howitt, 2016; Murray, 2008). Optou-se pelos procedimentos propostos por Howitt (2016), pois são os mais sistemáticos e organizados, além de que são fundamentados na psicologia narrativa e centram-se em conceitos como self e identidade (Murray, 2008). De modo a organizar a análise, recorreu-se ao Software de análise de dados Nvivo 10 (QSR internacional, 2012).

A análise efetuou-se através de cinco etapas em 5 etapas (Howitt, 2016):

1. Leitura e familiarização com os dados - procedeu-se à leitura de cada entrevista várias vezes de modo a conseguir maior familiaridade com os dados e a facilitar a identificação dos temas presentes.

2. Identificação de categorias importantes – identificaram-se os conceitos centrais existentes ao longo dos dados de modo a dar significado aos dados.

3. Identificação dos temas e imagens narrativos – a partir dos significados dados aos dados e aos padrões encontrados entre eles, foram identificados temas que organizam a narrativa das participantes.

4. Identificação do tom narrativo - o tom narrativo foi avaliado tendo em conta o conteúdo e o estilo de relatar as experiências.

5. Identificação das narrativas – a partir do tom e dos temas identificados, procedeu-se à sua organização de forma coerente em termos de história/narrativa, identificando de que forma o narrador da história se constrói em termos da sua identidade/self.

Resultados e discussão

Q1 – Que temas narrativos centrais surgem na história de vida das mulheres que cometeram crimes violentos? Que aspetos integram nos temas e como descrevem esses temas? O crime é um tema que surge na sua história de vida? Se sim, como?

Do relato das participantes acerca da sua história de vida surgem cinco temas: a família, a vitimação, o crime, o contexto/condições de vida adversas e a prisão (cf. Tabela 2).

Tabela 2
Temas de vida abordados pelas participantes.

Temas	Nº. de participantes	Nº. de referências
Família	10	121
Vitimação	9	41
Crime	10	38
Contexto/condições de vida adversas	5	18
Prisão	4	16

Família

É de salientar, que o tema mais abordado nas histórias de vida é a família. Este divide-se em dois subtemas, família de origem (71) e família constituída na vida adulta (52), sendo a família de origem, o tema mais referenciado pelas mesmas.

Quanto à família de origem, referem tanto “vivências negativas” (51) e “vivências positivas” (22). As “vivências negativas” são as mais referidas pelas participantes, principalmente pelas homicidas, sendo que a mais abordada se refere a “perdas familiares” (28), onde estão incluídas mortes de familiares ou ausência de figura paterna, seguindo-se a “violência” (15) que sofreram na família de origem quando ainda eram crianças/adolescentes, “álcool e doenças” (8), que vivenciaram através dos seus familiares, bem como as “dificuldades económicas” (3).

Família de origem – vivências negativas:

Perdas familiares

- **P2:** *Foram os meus pais, sem dúvida. Eram tudo para mim.*
- **P5:** *Foi a perda do meu filho... foi aquela fase dos consumos, que cheguei mesmo a ir ao fundo do poço e foi agora a perda do meu companheiro.*

Violência

- **P4:** *Bem a minha infância não foi lá muito boa, sofri imenso, vi a minha mãe sofrer bastante por causa do meu pai, sofreu de maus tratos, de violência doméstica, e isso marcou-me imenso.*
- **P7:** *Fui violada.*

Álcool e doenças

- **P5:** *O meu pai era alcoólico e sabe como é...*
- **P9:** *O meu pai meteu-se no álcool e começou a tratar muito mal a minha mãe.*

Dificuldades económicas

- **P4:** *Passamos por algumas dificuldades ao longo da vida.*
- **P5:** *Acabei por ir para França com 13 anos, ela trabalhava e eu ficava em casa com o menino e acabei por tomar conta de mais crianças. Cheguei a tomar conta de 4 crianças e também fazia umas limpezas.*

Quanto às “vivências positivas”, relatam, apesar das situações adversas, momentos de “infância feliz em família” (22).

Família de origem – vivências positivas:

Infância feliz em família

- **P3:** *Tive sempre uns bons pais e uma infância feliz.*
- **P4:** *Tivemos no estrangeiro durante uns anos, gostei imenso.*

No que diz respeito à “família constituída na idade adulta”, também referenciam “vivências positivas” (30) e “vivências negativas” (22), assumindo, aqui, maior ênfase nas vivências positivas devido à maternidade.

Nas “vivências positivas” está incluído o “papel de mãe” (22), que se refere a como as participantes se veem como mãe e a importância da maternidade para as mesmas, sendo esse o fator mais relevante nestas vivências, como se os filhos fossem um fator de resiliência e o “casamento/relacionamento feliz” (9).

Família na idade adulta – vivências positivas:

Papel de mãe

- **P2:** *O momento mais feliz de todos foi quando tive o meu primeiro filho.*
- **P3:** *Quando tive o meu filho foi bom.*

Casamento/relacionamento feliz

- **P2:** *O meu casamento foi muito feliz, estive com o meu marido muitos anos.*
- **P10:** *Entretanto na fábrica conheci uma pessoa e foi amor à primeira vista.*

Quanto às “vivências negativas” são de salientar o “relacionamento abusivo” (15), que se refere a todos os abusos sofridos nos seus relacionamentos amorosos, quer sejam psicológicos, físicos ou sexuais, sendo que as homicidas são as que relatam mais abusos e o “divórcio/separação” (8).

Família na idade adulta – vivências negativas:

Relacionamento abusivo

- **P5:** *Nessa altura o meu marido começou a agredir-me verbalmente e psicologicamente*
- **P7:** *Eu como já fui vítima de violência doméstica não admito que um homem bata numa mulher.*

Divórcio/separação

- **P6:** *Depois por volta dos 17 anos conheci o meu ex marido e tive de fugir para casar.*
- **P5:** *E assim foi, separei-me e tive de mudar de casa.*

É de mencionar que a maioria das mulheres que cometem crimes violentos derivam de contextos familiares desajustados, têm historial de vários tipos de abuso, historial de abuso de álcool e/ou drogas, provêm de um nível socioeconómico baixo e transitam para a vida adulta precocemente, o que significa que poderão ter abandonado a escola cedo, tal como uma e gravidez precoce (Souza, 2005).

Vitimação

O segundo tema mais abordado é a vitimação, sendo comum em mulheres que cometeram crimes, estando dividido em 5 subtemas. O primeiro é referente à violência

conjugal (24), a todos os níveis, seguindo-se de exposição à violência interparental (7) e maus tratos na infância (7), outros agentes – vizinhos/familiares (3) e abuso sexual (2).

No que se refere a abusos, vários estudos demonstram que mulheres que os sofreram tanto na infância, por parte de familiares, como na idade adulta, por parte dos seus parceiros íntimos, têm uma maior propensão para cometerem crimes (Siegel & Williams, 2003; Bernard, 2013).

Outro fator de extrema importância é o contexto familiar, sendo claro em vários estudos que a maioria das mulheres que cometem crimes violentos cresceu em ambientes familiares problemáticos, em que experienciaram vários tipos de violência entre os pais e contra as mesmas, e abuso de álcool por parte dos progenitores, não tendo os devidos cuidados por parte dos cuidadores (Miller, 2001; Ryder, 2003 como citado por Batchelor, 2005).

Violência conjugal

- **P2:** *Levei porrada dele, maus tratos.*
- **P5:** *Nessa altura o meu marido começou a agredir-me verbalmente e psicologicamente, tinha muitos ciúmes.*

Exposição à violência interparental

- **P4:** *A minha infância não foi muito boa, sofri imenso. Vi a minha mãe sofrer bastante por causa do meu pai.*
- **P9:** *O meu pai meteu-se no álcool e começou a tratar muito mal a minha mãe.*

Maus tratos na infância

- **P1:** *Até que ele chegou a casa e começou a dizer que ia matar a minha mãe e eu disse-lhe que ele estava maluco e ele mandou-me para o quarto e deu-me um murro.*
- **P5:** *Porque o meu pai era alcoólico e sabe como é... As pessoas alcoólicas têm tendência para exercerem alguma forma de violência, tanto psicológica como física e foi isso que aconteceu tanto à minha mãe como a nós.*

Outros agentes – vizinhos/familiares

- **P5:** *O meu cunhado tratava mal a minha irmã... A mais marcante foi quando fui para França tomar conta do bebé da minha irmã e vi que ela era vítima de violência doméstica, quando ele lhe batia, eu punha-me à frente e ele dava-me a mim.*

Abuso sexual

- **P7:** *Fui violada aos 13 anos por um vizinho.*

Crime

O terceiro tema descrito pelas participantes é o crime, sendo que quando o abordam, a maioria do seu relato se centra nas atitudes/percepção associados ao mesmo (20), nas que o identificam (19) e nas que não identificam (2). O crime é apenas identificado e assumido pelas homicidas. Relativamente às atitudes e percepção associadas a maioria do relato centra-se no arrependimento/culpa (15), sendo que tanto as ofensoras sexuais como as homicidas se culpabilizam de igual forma, na estigmatização social (3) e nas que sentem desresponsabilização/outros como culpados (2), referente ao crime de abuso sexual.

Atitudes/percepções relacionadas:

Arrependimento/culpa

- **P1:** *Arrependimento foi o facto de poder ter dado um passo decisivo e não o ter dado, porque pensei nos outros e prejudiquei-me.*

- **P5:** *“Eu não gosto e dizer que matei, mas as coisas são como são. Ainda um dia destes tive uma conversa com uma guarda sobre isso. Esta dor irá permanecer comigo até ao fim dos meus dias.*

Estigmatização social

- **P7:** *O juiz já me condenou, por amor de deus... vêm com problemas delas de casa e eu não tenho culpa.*

- **P10:** *O pior foi ir a tribunais, enfrentar juizes, que eu até... não há explicação... ver o meu nome a ser falado nos jornais, na televisão... ter de sair da cela e ver toda a gente a apontar-me o dedo.*

Desresponsabilização/outros como culpados

- **P1:** *Porque se eu não tivesse pensado nos outros na altura e pensasse em mim, eu a esta hora não estava aqui dentro.*

- **P4:** *Foi este último relacionamento, não queria muito tocar no assunto... Mas, mexeu muito comigo por causa da situação que me leva a estar aqui na cadeia, devido ao facto de a pessoa ter abusado da minha filha.*

Relativamente ao discurso centrado na identificação do crime, este está dividido essencialmente ao homicídio (15) e ao tráfico de droga (5). Ainda dentro do homicídio, temos o homicídio por autodefesa (8), associado a violência doméstica/sexual, cúmplice de uma amiga (4), e homicídio devido a um passado de adversidade (3).

Identificam o crime – homicídio:

Homicídio por autodefesa

- **P7:** *Sabe porquê que uma mulher às vezes chega a matar? Porque às vezes há um passado... Ou matas tu ou mato eu. Porque às vezes é vítima de violência doméstica e não devia ser condenada.*

- **P9:** *E ele nesse dia, saiu da casa de banho todo nu, e quando o vi assim, atirei-lhe uma pedras que ele lá tinha.*

Cúmplice da amiga

- **P3:** *Eu só queria ajudar porque ela estava numa situação complicada e tive pena, não sabia na altura que era aquilo que ia acontecer.*

Passado de adversidade

- **P7:** *Eu queria que transmitissem na televisão que os homicídios, às vezes também acontecem devido a algo do passado.*

- **P9:** *Foi ter cometido o homicídio que cometi, porque eu nunca fiz mal a ninguém, nunca fui má com ninguém. Tanto que levei tantos anos.... Vendia coca, droga, consumia, mas mesmo assim sempre fui de ajudar e partilhar.*

Tráfico de droga

-P9: *Comecei a vender droga, fui parar à cadeia quando ainda era novinha.*

Não identificam

-P1: *Porque se eu não pensasse nos outros na altura e tivesse pensado em mim, eu não estava aqui dentro.*

- P4: *Foi este último relacionamento, não queria muito tocar no assunto... Mas, mexeu muito comigo por causa da situação que me leva a estar aqui na cadeia, devido ao facto de a pessoa ter abusado da minha filha.*

Contexto/condições de vida adversas

O quarto tema mais referido pelas participantes foi acerca do contexto/condições de vida adversas (18), que está dividido em três subtemas, nomeadamente drogas e álcool (9) que tem a ver com os consumos que tiveram e com a sua evolução, precariedade económica e laboral (8) e prostituição (3). É importante referenciar que este tema só surge nas homicidas.

Drogas e álcool

- P5: *A minha mãe ficava então com as crianças e eu saía à noite... Ela dava-me toda a liberdade, talvez se me tivesse repreendido... Eu saía para as discotecas, conheci muitas pessoas e meti-me com as pessoas erradas... Eu já tinha fumado uns charros, e nem considero isso muito prejudicial, mas vieram as drogas duras e aí abriu-se o capítulo mais negro da minha vida.*

- P8: *Eu consumia cannabis.*

Precariedade económica e laboral

- P5: *Não tinha formação profissional e fui-me agarrando ao que aparecia. Limpezas, trabalhei no campo... Sempre trabalhei toda a vida, mas cá em Portugal só tenho um ano e meio de descontos.*

- P7: *Pagava renda, pagava água, pagava luz... Os meus pais tinham um estabelecimento e eu ia ajudá-los. Eles ajudaram a criar os meus filhos e essas coisas e desmoronou.*

Prostituição

- **P5:** *O meu companheiro tinha dívidas, eu conheci a minha colega... Para não falta nada em casa delas para os filhos, eu quis ajudar e fui vender o meu próprio corpo.*

Prisão

Por fim, a vida dentro da prisão também se constitui como tema, onde identificam vivências positivas, relacionadas com a oportunidade de mudança e aprendizagem (12), sobrepondo-se às vivências negativas (4). As homicidas são as que veem a cadeia como uma forma de mudança.

Vivências positivas – mudança e aprendizagem

- **P3:** *Fiquei mais revoltada, embora também me tenha trazido muitas coisas boas. Deixei o álcool, deixei as drogas, deixei tudo. Sou uma mulher mudada.*

- **P4:** *Estar aqui na cadeia fez-me mudar a minha maneira de ser, uma pessoa consegue refletir as coisas e saber aquilo que realmente quer e não quer e faz-nos crescer muito.*

Vivências negativas

- **P10:** *O pior foi ir a tribunais, enfrentar juizes, que eu até... não há explicação... ver o meu nome a ser falado nos jornais, na televisão... ter de sair da cela e ver toda a gente a apontar-me o dedo.*

Q2: Como se constroem em termos identitários/self ao longo da sua narrativa?

Ao longo da sua descrição das experiências e situações da sua vida, é possível identificar várias componentes que contribuem para a construção da sua identidade, nomeadamente, a forma como se caracterizam a si próprias (cf. tabela 3) e a forma como se projetam no futuro.

Tabela 3
Construção identitária/self narrativo

	Nº. de participantes	Nº. de referências
Crente/religiosa	10	17
Cuidadora/responsável pela família	7	11
Lutadora	7	11
Resiliente/positiva	5	10
Verdadeira/modesta	5	9
Desilusão/sofrimento	3	5
Amiga/altruísta	4	5

No que respeita à descrição prosocial que as participantes fazem de si próprias a maioria considera-se como sendo religiosa e crente em Deus, sendo que algumas se assumem como religiosas desde a infância e outras que com a reclusão se focaram na sua fé como uma forma de esperança e de reconectarem com Deus e com elas mesmas. A maioria também se considera responsável pela família e focam-se na sua importância e na força que a mesma tem para elas e no quanto querem cuidar dela após saírem do estabelecimento prisional. As participantes descrevem-se também como lutadoras, resilientes e amigas, apesar das adversidades das suas vidas o que demonstra estarem disponíveis para ajudar os outros e demonstra também que levaram as experiências negativas das suas vidas, como uma aprendizagem. No entanto, apesar da maioria se considerar como tal, algumas também apontam o quanto sofrem e estão desiludidas quer seja consigo mesmas, quer com os outros.

Crentes-religiosas

- **P1:** *Acredito desde menina, desde pequenina. Sempre fui à catequese, ia à missa todos os domingos com a minha falecida madrinha, sempre fui uma beata.*

- **P2:** *Tenho em Deus que é a quem eu me confesso, assim como à nossa senhora de Fátima.*

Cuidadoras/responsáveis pela família

- **P1:** *Fiquei com um peso do género “Eu tenho de ajudar a minha mãe porque ela ficou sozinha e eu sou a mais velha*
- **P4:** *Para mim a minha família é tudo.*

Lutadoras

- **P5:** *Lutar pela vida para se atingir os nossos objetivos, não é andar por aí a roubar e a traficar, isso não é vida para ninguém*
- **P4:** *A luta, porque a vida é uma grande luta e temos de lutar para conseguir ter aquilo que queremos.*

Resilientes/positivas

- **P2:** *Sempre fui uma pessoa muito positiva. Ainda penso em gozar muito a minha vida porque com pensamentos negativos uma pessoa não vai lá*
- **P9:** *O maior desafio foi aqui. Foi oferecerem-me droga, e eu sentir aquelas dores de barriga e ter vontade de a fumar, porque ainda não tinha passado muito tempo, mas consegui negar e ir para a minha cela.*

Verdadeiras/modestas

- **P8:** *Desde que estou aqui preso tenho-me orgulhado muitas vezes. Já estou presa há 6 anos e mantive sempre o registo.*
- **P10:** *Se a gente estiver alegre acho que é muito mais feliz e o dia até corre melhor. Mas neste momento aquilo a que dou mais valor é à paz e tranquilidade.*

Desilusão/sofrimento

- **P5:** *Já sofri bastante, e continuo a sofrer como é óbvio.*
- **P7:** *Isto é fácil falar de boca, mas só quem está cá dentro é que sabe aquilo que se passa e não há palavras para dizer assim. Sou feliz? Sou à minha maneira.*

Amigas/altruístas

- **P2:** *Eu sou uma pessoa muito ativa, amiga e compreensiva, mas se me calcarem acabou.*

- **P1:** *Acho que temos de ser honestos com as pessoas, ajudar o próximo e há palavras que podem salvar a vida de alguém. Falo por experiência própria, porque houve uma situação em que só dei as minhas palavras, não dei mais nada, e evitei que a pessoa se suicidasse.*

No que diz respeito à projeção no futuro, as participantes relatam projetos de vida futura (25), maioritariamente relacionados com a componente familiar, assumindo o papel de cuidadoras. Além desta, algumas perspetivam-se no contexto do trabalho-formação-voluntariado ou pretendem constituir um negócio (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Projeção no futuro

	Nº. de Participantes	Nº. de referências
Cuidar da família	6	11
Trabalho/formação/voluntariado	5	9
Construir negócio	4	6

Cuidar da família

- **P3:** *Agora é seguir em frente. Tenho muita coisa, os meus pais em primeiro lugar principalmente que estão a precisar de mim... e o meu irmão.*

- **P6:** *O que eu queria que virasse neste momento era eu sair daqui e ir para a beira dos meus filhos e dos meus netos e ajudá-los.*

Trabalho-formação-voluntariado

- **P2:** *Ir trabalhar para o clube outra vez, sem dúvida.*

- **P8:** *É assim, eu quero viver o estilo de vida mais banal de sempre, quero sair daqui arranjar emprego e construir família.*

Construir negócio

- **P1:** *Ora bem, tirando o facto de eu sonhar sair daqui, como acho que qualquer uma tem aqui dentro, sonho em retomar a minha vida, ter uma vida diferente longe de Portugal.*

- **P6:** *Olhe, gozar muito e montar uma pastelaria.*

Discussão/Conclusão

É possível verificar que no que toca à identidade feminina e aos estereótipos impostos pela sociedade, em que as mulheres são consideradas como sendo seres mais fracos e submissos do que os homens (Priori, 2011), não vão de encontro às participantes deste estudo que nos demonstram que apesar das adversidades, se consideram maioritariamente resilientes e lutadoras, rompendo o socialmente desejável.

Em suma, é possível constatar que as participantes se focam essencialmente em cinco temas, incidindo maioritariamente nas vivências negativas passadas na família, na vitimação sofrida ao longo da vida e na abordagem ao crime. Estes resultados vão de encontro ao que diz a literatura feminista, em que associam a adversidade e a vitimação à criminalidade feminina, pois os criminologistas femininos defendem que a criminalidade feminina, se reflete na discriminação existente entre homens e mulheres e nas disparidades económicas e relações familiares existentes, o que acaba por resultar num clima de tensão (Bernard, 2013; Stanojoska & Jurtoska, 2018). Interligado a esta questão, está o facto de que as mulheres reclusas demonstram prevalência de adversidade ao longo da vida, verificando-se uma elevada taxa de abusos, quer físicos como sexuais, tanto na infância, como por parte de um parceiro íntimo (Green et al., 2005 como citado por Alves & Maia, 2010), o que acaba por ir de encontro à Teoria da Aprendizagem Social de Bandura, em que é sugerido que as crianças que são expostas a situações de violência, acarretam um risco acrescido de cometerem crimes violentos, além de que apresentam uma maior probabilidade de se prostituírem, consumirem substâncias e apresentarem instabilidade socioeconómica (Sani, 2004 como citado por Alves & Maia, 2010), o que vai de encontro à história de vida das participantes.

Especificamente, quanto aos crimes de abuso sexual e homicídio perpetrados por mulheres, estes têm em comum o facto de que quando são efetuados dentro da família, normalmente estão na origem um histórico de abusos e negligência parental (Yourstone et al., 2008), o que se reflete nos resultados do presente estudo, em que a maioria dos crimes foi realizado dentro da própria família das participantes.

No que concerne ao abuso sexual perpetrado por mulheres, ocorre habitualmente devido ao passado de adversidade das mesmas, tendendo este a gerar emoções negativas e instabilidade emocional, podendo também ocorrer pensamentos e cognições desviantes, que acabam por originar o abuso (Salter, 2003), acontecendo frequentemente de forma indireta, pois as ofensoras, tendem a deixar os seus parceiros íntimos abusarem dos seus próprios filhos, devido à dependência emocional que têm pelos mesmos (Muskens et al., 2011), sendo um dos motivos porque não identificam o crime, o que vai de encontro aos resultados obtidos.

No que diz respeito aos homicídios, estes ocorrem maioritariamente dentro das relações de intimidade, onde a maioria destas mulheres apresentam histórias de vitimação ao longo da vida, sendo a vitimação na vida adulta mais proeminente, por parte dos seus companheiros e em que o seu comportamento é uma medida defensiva, de modo a parar as agressões (Belknap et. al, 2012; Jordan et. al, 2012). Outras características presentes nestas mulheres, é o facto de cometerem os homicídios quando se encontram em situações de grande tensão e isolamento (Hellen et. al, 2015), e de apresentarem um historial de vitimação múltipla ao longo da vida, maior do que a população feminina no geral (Pretorius & Botha, 2006). Posto isto, é de questionar até que ponto a prática de crime não poderá ser uma estratégia de coping de forma a lidar com as condições de vida adversa.

A maioria das participantes apresenta uma descrição prosocial positiva de si mesma, apesar das adversidades vividas em que a narrativa central das suas histórias de vida, é uma narrativa em que apresentam resiliência e esperança em relação aos seus futuros.

Podemos concluir que são duas as narrativas presentes pelas participantes: vitimação/sofrimento (10) e adversidade/resiliência (36), sendo que há diferenças em termos narrativos relativamente às ofensoras sexuais e às homicidas. As homicidas têm uma narrativa de adversidade, violência e resiliência e apresentam um maior sofrimento psicológico, enquanto as agressoras sexuais apresentam uma narrativa de adversidade

menos violenta e são menos resilientes. Ambas projetam um self prosocial, mas eu diria que o das homicidas é decorrente das más experiências, enquanto as agressoras sexuais se projetam desta forma recorrendo de estratégias de proteção do self, no âmbito da desejabilidade social e falta de insight.

Relativamente às implicações práticas, o presente estudo chama a atenção para a necessidade de trabalhar tanto com as mulheres homicidas como com as mulheres agressoras sexuais estratégias de adaptação à vida que terão no exterior e com as agressoras sexuais em específico seria importante trabalhar as suas crenças. Para uma melhor compreensão da especificidade da criminalidade feminina violenta, seria interessante – para estudos futuros – ter como participantes mulheres de outras nacionalidades de modo a comparar os seus contextos de vida e consequentemente, o crime em diferentes culturas.

Referências Bibliográficas

- Acale Sánchez, M. (2019). Penal and Custodial Control of Female Criminality in Spain from a Gender Perspective. *Social Sciences*, 8(2), 52.
- Adler, F. (1975). *Sisters in crime. The rise of the new female criminal*. McGraw-Hill.
- Alves, J. F. C., & Maia, Â. (2010). Experiências adversas durante a infância e comportamentos de risco para a saúde em mulheres reclusas.
- Ameh, S. O. (2013). The implications of the upsurge of female criminality in Nigeria. *Int'l J. Advanced Legal Stud. & Governance*, 4, 74.
- Atkinson, J. (2000) *Case Studies of Female Sex Offenders in the Correctional Service of Canada*. Toronto: Correctional Services
- Banarjee, S., Islam, M. J., & Khatun, N. (2015). Theories of Female Criminality: A criminological analysis. *International Journal of Criminology and Sociological Theory*, 7(1).
- Batchelor, S. (2005). 'Prove me the bam!': Victimization and agency in the lives of young women who commit violent offences. *Probation Journal*, 52(4), 358-375.
- Beech, A. R., Parrett, N., Ward, T., & Fisher, D. (2009). Assessing female sexual offenders' motivations and cognitions: An exploratory study. *Psychology, Crime & Law*, 15(2-3), 201-216.
- Belknap, J., Larson, D. L., Abrams, M. L., Garcia, C., & Anderson-Block, K. (2012). Types of intimate partner homicides committed by women: Self-defense, proxy/retaliation, and sexual proprietariness. *Homicide Studies*, 16(4), 359-379.
- Bell Holleran, L. L., & Vandiver, D. M. (2016). US homicides: Multi-offenders and the presence of female offenders. *Violence and gender*, 3(1), 27-35.
- Bennett, D., Ogloff, J., Mullen, P., & Thomas, S. (2012). A study of psychotic disorders among female homicide offenders. *Psychology, crime & law*, 18(3), 231-243.
- Bernard, A. (2013). The intersectional alternative: Explaining female criminality. *Feminist Criminology*, 8(1), 3-19.
- Bourget, D., & Gagné, P. (2012). Women who kill their mates. *Behavioral sciences & the law*, 30(5), 598-614.
- Bravin Setubal, C., Santos Wolff, L. D., Stroher, L. M. C., Blanco-Vieira, T., & Costa, L. F. (2019). "Não pode ser abuso... eu sou a mãe": ofensa sexual materna. *Revista de psicologia (Santiago)*, 28(1), 92-103.

- Canavarro, C. (2007). *Inventário de sintomas psicopatológicos*. In M.R. Simões, C. Machado, MM. Gonçalves & L.S. Almeida (Eds.) *Avaliação Psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. III, pp. 305-331). Coimbra: Quarteto Editora.
- Carvalhaes, F. F. (2015). *Mulheres no crime: deslizamento de fronteiras*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFSC), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Carvalhaes, F. F. D., Toneli, M. J. F., & Mansano, S. R. V. (2018). Mulheres no crime: análise sobre enunciados difundidos pela mídia brasileira. *Psicologia & Sociedade*, 30.
- Chan, H. C. O., & Frei, A. (2013). Female Sexual Homicide Offenders: An Examination of an Underresearched Offender Population. *Homicide Studies*, 17(1), 96-118.
- Chesney-Lind, M. (1997). The female offender. Girls, women, and crime. *Thousand Oaks*: Sage Publications.
- Christopher, K., Lutz-Zois, C. J., & Reinhardt, A. R. (2007). Female sexual offenders: Personality pathology as a mediator of the relationship between childhood sexual abuse history and sexual abuse perpetration against others. *Child Abuse & Neglect*, 31(8), 871-883.
- Comack, E., & Brickey, S. (2007). Constituting the violence of criminalized women. *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, 49(1), 1-36.
- Cortoni, F. (2009, November). Recidivism rates of female sexual offenders: A meta-analytic review. *Paper presented at the annual meeting of the American Society of Criminology*, Philadelphia.
- Cortoni, F., & Gannon, T. A. (2016). Understanding female sexual offenders. *The Wiley Handbook on the Theories, Assessment and Treatment of Sexual Offending*, 453-471.
- Cortoni, F., Babchishin, K. M., & Rat, C. (2017). The proportion of sexual offenders who are female is higher than thought: A meta-analysis. *Criminal Justice and Behavior*, 44(2), 145-162.
- Faller, K. C. (1995). A clinical sample of women who have sexually abused children. *Journal of Child Sexual Abuse*, 4(3), 13-30.

- Fazel, S., Sjöstedt, G., Grann, M., & Långström, N. (2010). Sexual offending in women and psychiatric disorder: A national case-control study. *Archives of Sexual Behavior*, 39(1), 161-167.
- Fox, J. A., & Zawitz, M. (2001, January 4). Homicide trends in the United States (Crime and Justice Electronic Data Abstracts, Department of Justice, Bureau of Justice Statistics). Retrieved August 2002 from <http://www.ojp.usdoj.gov/bjs/homicide/homtrnd.htm>
- Fox, J., & Levin, J. (2001). *The will to kill: Making sense of senseless murder*. Boston: Allyn & Bacon.
- Gainford, A. (2017). Mad, Bad or Sad? The Historical Persecution of Women and the Birth of Female Criminality. *The Historical Persecution of Women and the Birth of Female Criminality* (December 9, 2017).
- Gannon, T. A., & Cortoni, F. (Eds.). (2010). *Female sexual offenders: Theory, assessment and treatment*. (1). John Wiley & Sons.
- Gannon, T. A., & Rose, M. R. (2008). Female child sexual offenders: Towards integrating theory and practice. *Aggression and Violent Behavior*, 13(6), 442-461.
- Gannon, T. A., Rose, M., Ward, T., & Gannon, T. (2012). A descriptive offense process model for female sexual offenders. *The sex offender*, 7, 16-1.
- Gannon, T., Rose, M. R., & Ward, T. (2010). Pathways to female sexual offending: approach or avoidance?. *Psychology, Crime & Law*, 16(5), 359-380.
- Geiger, B., & Fischer, M. (2005). Naming oneself criminal: Gender difference in offenders' identity negotiation. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 49(2), 194-209.
- Harris, D. A. (2010). Theories of female sexual offending. In T. A. Gannon & F. Cortoni (Eds.), *Female sexual offenders: Theory, assessment, and treatment* (pp. 31-52). Chichester, UK: Wiley-Blackwell.
- Heide, K. M. (2003). Youth homicide: A review of the literature and a blueprint for action. *Internacional Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 47, 6-36.
- Hellen, F., Lange-Asschenfeldt, C., Ritz-Timme, S., Verhülsdonk, S., & Hartung, B. (2015). How could she? Psychosocial analysis of ten homicide cases committed by women. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 36, 25-31. <http://doi.org/10.1016/j.jflm.2015.08.007>

- Hodgins S. The major mental disorders and crime: stop debating and start treating and preventing. *Int J Law Psychiatry*. 2001;24(4-5):427-46.
- Howitt, D. (2016). *Introduction to qualitative research methods in psychology*. Harlow: Pearson.
- Johansson-Love, J., & Fremouw, W. (2009). Female sex offenders: A controlled comparison of offender and victim/crime characteristics. *Journal of Family Violence*, 24(6), 367-376.
- Jordan, C. E., Clark, J., Pritchard, A., & Charnigo, R. (2012). Lethal and other serious assaults: Disentangling gender and context. *Crime & Delinquency*, 58(3), 425-455. <http://doi.org/10.1177/0011128712436412>
- Komarovskaya, I., Loper, A. B., & Warren, J. (2007). The role of impulsivity in antisocial and violent behavior and personality disorders among incarcerated women. *Criminal Justice and Behavior*, 34(11), 1499-1515.
- Kruttschnitt, C., & Gartner, R. (2008). Female violent offenders: Moral panics or more serious offenders? *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 41(1), 9-35.
- Kruttschnitt, C., & Gartner, R. (2008). Female violent offenders: Moral panics or more serious offenders? *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 41(1), 9-35.
- Kubik, E. K., Hecker, J. E., & Rightland, S. (2002). Adolescent females who have sexually offended: comparisons with delinquent adolescent female offenders and adolescent males who sexually offend. *Journal of Child Sexual Abuse*, 11(3), 63-83.
- Lambie, I. (2001). Mothers who kill: The crime of infanticide. *International Journal of Law and Psychiatry*, 24, 71-80.
- Loper, A. B., & Cornell, D. G. (1996). Homicide by juvenile girls. *Journal of Child and Family Studies*, 5(3), 323-336.
- Lysell, H., Runeson, B., Lichtenstein, P., & Långström, N. (2014). Risk factors for filicide and homicide: 36-year national matched cohort study. *The Journal of clinical psychiatry*, 75(2), 127-132.
- Mathews, J. K., Matthews, R., & Speltz, K. (1991). Female sex offenders: A typology. In M. Q. Patton (Ed.), *Family sexual abuse: Frontline research and evaluation* (pp. 199-219). Newbury Park, CA: Sage.

- Mathews, Matthews, R. and Speltr, K. (1989) Female Sexual Offenders: An exploratory study. *Orwell: The Safer Society Press*.
- Mathews, R., Hunter, J. A., & Vuz, J. (1997). Juvenile female sexual offenders: clinical characteristics and treatment issues. *Sexual Abuse*, 9(3), 187–199.
- Matos, R. (2008). Vidas raras de mulheres comuns: Percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas. Coimbra: Almedina Editora.
- Matos, R., & Machado, C. (2012). Criminalidade feminina e construção do género: Emergência e consolidação das perspectivas feministas na Criminologia. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 33-47.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of general psychology*, 5(2), 100-122.
- McAdams, D. P. (2008). Personal narratives and the life story. In J. R. W. Robins & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 242-262). New York, NY: Guilford Press.
- McAdams, D.P. (1996). Personality, modernity and the storied self: a contemporary framework for studying persons. *Psychological inquiry*, 7, 295–331.
- McLeod, D. A. (2015). Female offenders in child sexual abuse cases: A national picture. *Journal of child sexual abuse*, 24(1), 97-114.
- Meehan, J., Flynn, S., Hunt, I. M., Robinson, J., Bickley, H., Parsons, R., ... & Shaw, J. (2006). Perpetrators of homicide with schizophrenia: a national clinical survey in England and Wales. *Psychiatric services*, 57(11), 1648-1651.
- Montgomery, M., & Zeng, Z. (2016). Gender perceptions of female criminality in China and the United States. *Review of Social Sciences*, 1(8), 1-14.
- Moraes, P. A. C. D., & Dalgarrondo, P. (2006). Mulheres encarceradas em São Paulo: saúde mental e religiosidade. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 55(1), 50-56.
- Morgan, A. (2002). Beginning to use a narrative approach in therapy. *The international journal of narrative therapy and community work*, 1, 85-90.
- Murray, M. (2008). Narrative psychology. In J.A. Smith (ed.), *Qualitative psychology: a practical guide to research methods* (pp. 111-132). London: Sage.
- Muskens, M., Bogaerts, S., van Casteren, M., & Labrijn, S. (2011). Adult female sexual offending: A comparison between co-offenders and solo offenders in a Dutch sample. *Journal of Sexual Aggression*, 17(1), 46-60.

- Nathan, P. and Ward, T. (2001) Females who sexually abuse children: Assessment and treatment issues. *Psychiatry, Psychology and Law* 8, 1,44-56
- Nathan, P., & Ward, T. (2002). Female sex offenders: Clinical and demographic features. *Journal of Sexual Aggression*, 8(1), 5-21
- Nee, C. (2004). The offender's perspective on crime: methods and principles in data collection. In A. Needs and G. Towl (Eds.), *Applying psychology to forensic practice*. Oxford: British Psychological Society and Blackwell.
- Neumann, C. (2015). Annie Cossins, Female criminality: Infanticide, moral panics, and the female body.
- Nielssen, O. B., Westmore, B. D., Large, M. M., & Hayes, R. A. (2007). Homicide during psychotic illness in New South Wales between 1993 and 2002. *Medical journal of Australia*, 186(6), 301-304.
- Pals, J. L. (2006). Narrative identity processing of difficult life experiences: Pathways of personality development and positive self-transformation in adulthood. *Journal of personality*, 74(4), 1079–1109.
- Pollock, J. M., & Davis, S. M. (2005). The continuing myth of the violent female offender. *Criminal Justice Review*, 30(1), 5-29.
- Portella, A. P., Galvão, C., Abath, M., & de Amorim Ratton Jr, J. L. (2011). Análise configuracional de homicídios: velhas e novas situações de violência letal contra as mulheres em Recife. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 4(3), 403-439.
- Presser, L. (2004). Violent offenders, moral selves: constructing identities and accounts in the research interview. *Social problems*, 51(1), 82–101
- Presser, L. (2009). The narratives of offenders. *Theoretical criminology*, 13(2), 177-200.
- Presser, L. (2012). Getting on top through mass murder: Narrative, metaphor and violence. *Crime, Media, Culture*, 8, 3-21.
- Pretorius, H. G., & Botha, S. A. (2006). The cycle of violence and abuse in women who kill an intimate male partner: A biographical profile. *South African Journal of Psychology*, 39(2), 242–252. <http://doi.org/10.1177/008124630903900209>
- Priori, C. (2011). Mulheres Detentas: o exemplo da Penitenciária Feminina do Paraná (1970-1995). In *Anais. Textos Completos do V Congresso Internacional de História* (Vol. 1, pp. 2723-2730).

- Putkonen, H., Weizmann-Henelius, G., Lindberg, N., Rovamo, T., & Häkkänen, H. (2008). Changes over time in homicides by women: a register-based study comparing female offenders from 1982 to 1992 and 1993 to 2005. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 18(5), 268-278.
- QSR International. (2012). NVivo 10 (Computer Software). Australia, Doncaster, Victoria.
- Ratton, J. L., & Galvão, C. (2016). Para além da maldade, da loucura e da vitimização: agência intencional e volição em crimes violentos praticados por mulheres. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 16(1), 26-41.
- Reisig, M. D., Holtfreter, K., & Morash, M. (2006). Assessing recidivism risk across female pathways to crime. *Justice Quarterly*, 23(3), 384-405.
- Roe-Sepowitz, D. (2007). Adolescent female murderers: characteristics and treatment implications. *American journal of orthopsychiatry*, 77(3), 489-496
- Rossow, I. (2001). Alcohol and homicide: a cross-cultural comparison of the relationship in 14 European countries. *Addiction*, 96(1s1), 77-92.
- Salter, A. (2003). A pedofilia e outras agressões sexuais: como nos podemos proteger anos e aos nossos filhos. (A. Rocha & I. Nunes, Trad.). Lisboa: Editorial Presença.
- Sánchez, M. N. (2004). La mujer en la teoría criminológica. *Revista de Estudios de Género, La Ventana E-ISSN: 2448-7724*, 2(20), 240-266.
- Santos, H. (2016). Mulheres como autoras de violência: Evidências e agenda de pesquisa. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 16(1), 42-58.
- Saradjian, J. (2010). Understanding the prevalence of female-perpetrated sexual abuse & the impact of that abuse on victims. In T. A. Gannon & F. Cortoni (Eds.), *Female sexual offenders: Theory, assessment, and treatment* (pp. 9-30). Chichester, UK: Wiley-Blackwell.
- Shechory, M., Perry, G., & Addad, M. (2011). Pathways to women's crime: Differences among women convicted of drug, violence and fraud offenses. *The Journal of Social Psychology*, 151(4), 399-416.
- Siegel, J. A., & Williams, L. M. (2003). The relationship between child sexual abuse and female delinquency and crime: A prospective study. *Journal of research in Crime and Delinquency*, 40(1), 71-94.
- Sommers, I., & Baskin, D. (1997). Situational or generalized violence in drug dealing networks. *Journal of Drug Issues*, 27(4), 833-851.

- Souza, S. B. (2005). Criminalidade feminina. *Revista Democracia Viva*, 33.
- Stanojoska, A., & Jurtoska, J. (2018). Ladies or Criminals: An Exploratory Study of Patterns of Female Criminality in the Republic of Macedonia. *International Journal of Criminal Justice Sciences*, 13(1), 147.
- Steffensmeier, D., & Allan, E. (1996). Gender and crime: Toward a gendered theory of female offending. *Annual review of sociology*, 22(1), 459-487.
- Strickland, S. M. (2008). Female sex offenders: Exploring issues of personality, trauma, and cognitive distortions. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(4), 474-489.
- Stuart, G. L., Moore, T. M., Ramsey, S. E., & Kahler, C. W. (2004). Hazardous drinking and relationship violence perpetration and victimization in women arrested for domestic violence. *Journal of studies on alcohol*, 65(1), 46-53.
- Swatt, M. L., & He, N. P. (2006). Exploring the difference between male and female intimate partner homicides: Revisiting the concept of situated transactions. *Homicide Studies*, 10(4), 279-292.
- Trägårdh, K., Nilsson, T., Granath, S., & Sturup, J. (2016). A time trend study of Swedish male and female homicide offenders from 1990 to 2010. *International journal of forensic mental health*, 15(2), 125-135.
- Tsopelas, C., Spyridoula, T., & Athanasios, D. (2011). Review on female sexual offenders: Findings about profile and personality. *International journal of law and psychiatry*, 34(2), 122-126.
- Turner, K., Miller, H. A., & Henderson, C. E. (2008). Latent profile analyses of offence and personality characteristics in a sample of incarcerated female sexual offenders. *Criminal Justice and Behaviour*, 35, 879-894.
- Tye, C. S., & Mullen, P. E. (2006). Mental disorders in female prisoners. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 40(3), 266-271.
- Valença, A. M. (2008). Aspectos psicopatológicos e forenses de mulheres homicidas com diagnóstico de transtornos psicóticos primários: estudo de série de casos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 57(4), 253-260.
- Valença, A. M., Nascimento, I., Mecler, K., Freire, R., Mezzasalma, M. A., Leão, V., & Nardi, A. E. (2010). Comportamento violento, gênero e psicopatologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(2), 238-252.
- Vandiver, D. M., & Kercher, G. (2004). Offender and victim characteristics of registered female sexual offenders. *Sexual Abuse*, 16(2), 121-137.

- Vandiver, D. M., & Walker, J. T. (2002). Female sex offenders: an overview and analysis of 40 cases. *Criminal Justice Review*, 27(2), 284–300.
- Ward, T. (2000). Sexual offenders' cognitive distortions as implicit theories. *Aggression and Violent Behaviour*, 5, 491-507.
- Weizmann-Henelius, G., Putkonen, H., Grönroos, M., Lindberg, N., Eronen, M., & Häkkänen-Nyholm, H. (2010). Examination of psychopathy in female homicide offenders—Confirmatory factor analysis of the PCL-R. *International Journal of Law and Psychiatry*, 33(3), 177-183.
- Whiteley, K. M. (2012). *Women as victims and offenders: incarcerated for murder in the Australian criminal justice system* (Doctoral dissertation, Queensland University of Technology).
- Wijkman, M., Bijleveld, C., & Hendriks, J. (2010). Women don't do such things! Characteristics of female sex offenders and offender types. *Sexual Abuse*, 22(2), 135-156.
- Williams, S. M., & Nicholaichuk, R. (2001, November). *Assessing static risk factors in adult female sex offenders under federal jurisdiction in Canada*. Paper presented at the 20th Annual Research and Treatment Conference of the Association for the Treatment of Sexual Abusers, San Antonio, TX, U.S.A.
- Yourstone, J., Lindholm, T., & Kristiansson, M. (2008). Women who kill: A comparison of the psychosocial back-ground of female and male perpetrators. *International Journal of Law and Psychiatry*, 31, 374–383.